

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Escola de Belas Artes

Programa de Pós-graduação em Artes

Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas

Carla Aparecida Martins Silva

**O ENSINO DE ARTES VISUAIS NA ESCOLA MUNICIPAL LEILA MARIA
FISHER**

Lagoa Santa

2020

Carla Aparecida Martins Silva

**O ENSINO DE ARTES VISUAIS NA ESCOLA MUNICIPAL LEILA MARIA
FISHER**

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientador(a): Giovanna Viana
Martins

Lagoa Santa

2020

Silva, Carla Aparecida Martins.

O Ensino de Artes Visuais na Escola Municipal Leila Maria
Fisher / Carla Aparecida Martins Silva. – 2019.

62 f., enc (45)

Orientador(a): Giovanna Viana Martins

Monografia (especialização) – Universidade Federal de
Minas Gerais, Escola de Belas Artes.

Referências: f. 44-45

1. Artes visuais – Especialização. 2. Estudo e ensino –



Nome: **CARLA APARECIDA MARTINS SILVA**

O ENSINO DE ARTES VISUAIS NA ESCOLA MUNICIPAL EILA MARIA FISHER.

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Pelas condições da Banca Examinadora a aluna foi considerada: **APROVADA.**

Professora Giovanna Viana Martins – CEEAV/ EBA/ UFMG - Orientadora

Professora Jussara Vitória de Freitas do Espírito Santo – CEEAV/ EBA/ UFMG –
Membro da Banca Examinadora

Profa. Patrícia de Paula Pereira
Coordenadora do Curso de Especialização em Ensino de Artes
Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV
Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes
Escola de Belas Artes/ EBA – UFMG

Belo Horizonte, 28 de fevereiro de 2020.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma pesquisa intitulada “O Ensino de Artes Visuais na Escola Municipal Leila Maria Fisher” e tem como objetivo geral propor ações para o ensino de Arte para alunos do 5º ano na Escola Municipal Leila Maria Lopes Fisher, tomado a partir do estudo de obras de artes visuais contemporâneas. A metodologia para a realização dessa pesquisa foi pautada na abordagem qualitativa, com metodologia exploratória de pesquisas bibliográficas. O objetivo foi agregar o maior número possível de informações da literatura para futura análise e reflexão acerca do ensino da Arte contextualizada na Educação Básica. Os resultados obtidos decorrem de pesquisa desenvolvida durante o curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas que gerou uma reflexão em relação ao ensino de artes visuais. Ensinar arte significa possibilitar experiências e vivências significativas em fruição, reflexão e elaboração artística. Para isso, é necessário que o professor tenha uma base teórico-prática que lhe possibilite a amplitude de pensamento, tanto para conhecer os caminhos trilhados por seus alunos quanto para propiciar momentos significativos que possibilitem encontrar novos processos individuais e coletivos.

Palavras-chave: Ensino de Artes Visuais. Metodologia em Arte. Formação de professores de Arte.

ABSTRACT

This research presents a research entitled The Teaching of Visual Arts at the Municipal School Leila Maria Fisher, and its general objective is to propose actions for the teaching of Art for 5th grade students at the Municipal School Leila Maria Lopes Fisher, taken from the study of works of contemporary visual arts. The methodology for conducting this research was based on the qualitative approach, with an exploratory methodology of bibliographic research. The objective was to add as much information as possible from the literature for future analysis and reflection on the teaching of Art contextualized in basic education. The results obtained result from research developed during a Specialization course in Teaching of Visual Arts and Contemporary Technologies that originated in a reflection in relation to the teaching of visual arts. Teaching art means enabling significant experiences and experiences in fruition, reflection and artistic elaboration. For this, it is necessary that the teacher has a theoretical-practical basis that allows him the breadth of thought, both to know the paths taken by his students and to provide significant moments that make it possible to find new individual and collective processes.

Keywords: Teaching of Visual Arts. Methodology in Art. Art teacher training.

Lista de figuras

Figura 1 – Henri Matisse (1869-1954), pintor francês	12
Figura 2 - Velocidade do Automóvel (1913), de Giacomo Balla	13
Figura 3 - À esquerda, Homem no Café (1914), de Juan Gris. À direita, Mulher com Violão (1908), de Braque.....	14
Figura 4 - Marcel Duchamp foi um dos expoentes do Dadá. À esquerda, posa com “Roda de Bicicleta”. À direita, “Fonte”.	15
Figura 5 - Salvador Dali – “Persistência da memória”	16
Figura 6 - À esquerda, a tela “Desejo de Amor” (1932), de Ismael Nery. À direita, “Abaporu” (1928), de Tarsila do Amaral.....	17
Figura 7 - Roy Lichtenstein (1923-1997)	18
Figura 8 – Zebra.....	19
Figura 9 - Ironia do Policial Negro (1981).....	20
Figura 10 - “Suprassensorial”	21
Figura 11 - "Tiradentes - Tóten-Monumento ao Preso Político" de Cildo Meireles, na exposição "Do Corpo à Terra", no Parque Municipal de Belo Horizonte, em 1971	22
Figura 12 - E. M. Leila M. L. Fischer.....	24
Figura 13 - E. M. Leila M. L. Fischer.....	25
Figura 14 - Cantina e pátio da E. M. Leila M. L. Fischer	26
Figura 15 - Jardim da E. M. Leila M. L. Fischer	26
Figura 16 - Quadra da E. M. Leila M. L. Fischer.....	27
Figura 17 - Sala de aula da E. M. Leila M. L. Fischer)	27

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. PENSANDO A ARTE NA CONTEMPORANEIDADE.....	11
1.1 Arte Contemporânea no Brasil.....	21
2. ESCOLA MUNICIPAL LEILA MARIA LOPES FISHER	24
2.1 Concepção de currículo e prática pedagógica da disciplina Artes na Escola Municipal Leila Maria Fisher.....	28
3. O ENSINO DA ARTE CONTEMPORÂNEA: PROPOSIÇÃO DE METODOLOGIAS.....	32
3.1 O Projeto na Escola.....	36
4. CONCLUSÃO	41
REFERÊNCIAS.....	43
ANEXO	46

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo identificar métodos e metodologias para o Ensino de Artes Visuais contextualizado na Educação Básica, e apresenta como recorte um estudo de caráter descritivo para propor ações no ensino de artes na Escola Municipal Leila Maria Lopes Fisher para alunos do 5º ano, do município de São José da Lapa/MG.

O Ensino de Artes no exercício didático apresenta concepções de diversas formas culturais. Entender a arte é fundamental, pois, por meio dela, o sujeito pode se tornar consciente de sua existência social e cultural. Assim, sua contribuição é indispensável na formação de indivíduos mais críticos e criativos.

A produção desta monografia se faz durante o meu percurso de formação no curso de Pós-Graduação em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas. Acredito que esse projeto pode colaborar para que os professores de Arte ampliem suas possibilidades de mediação pedagógica, capacitando-os para atuarem como mediadores nesse diálogo entre o aluno, a arte e o mundo, podendo, assim, estimular a consciência cultural do indivíduo com base no reconhecimento de sua própria cultura, localizando-o como um ser produtor do meio, capaz de criar e transformar, problematizando os debates, orientando as atividades e relacionando à sua bagagem cultural, enriquecendo as trocas de saberes propostas como experiências de ensino.

Como ponto de partida para a realização e a organização dessa monografia, sustentei as obras e palavras de alguns autores para que me fornecessem auxílio e me colocassem, igualmente, frente a outras possibilidades de pensar. O projeto visa transcorrer com momentos de análises e reflexões entre os pensamentos dos autores que perpassam por questionamentos da postura social de cada indivíduo, promovendo mudança nesta postura, valorização pessoal, de acordo com as potencialidades de cada um, debate, reflexões e ações a serem executadas que culminam na melhoria dos resultados de todo aproveitamento escolar.

O capítulo 1 traz um breve histórico sobre o percurso da arte, sobretudo a contemporânea, as manifestações que afetaram radicalmente o comportamento político-social dos dias atuais, os movimentos e tendências artísticas que buscam apresentar ao público um modo diverso de perceber o mundo e conceber a arte.

No capítulo 2, citarei um pouco da história da Escola Leila Maria Fisher, sua localização, seu espaço físico, sua concepção de currículo e a prática pedagógica do professor.

O capítulo 3 apresenta a Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa, tomada como principal referência do Ensino da Arte no Brasil, considerando suas grandes contribuições para o estudo e reflexão desta disciplina. Outros autores citados serão Lúcia Pimentel, Pedro Demo, Alexandre Thomaz Vieira, Paulo Freire, Antônio Joaquim Severino e Elizabeth Teixeira; todos eles ressaltam a importância da pesquisa para aprimoramento da prática e da construção do conhecimento de maneira significativa. No entanto, Lúcia Pimentel (2009) resalta os desafios constantes que o professor de Arte tem no sentido de pesquisar e conhecer métodos, de criar metodologias e, além disso, da importância de ser professor e poder auxiliar o outro no seu desenvolvimento e aprimoramento pessoais. Vale destacar que o termo “método” significa regra ou procedimento a ser seguido com vistas à obtenção de um “bom” resultado. (PIMENTEL, 2015, p. 88-98). Neste capítulo, relatarei, ainda, a estratégia metodológica realizada através dos levantamentos bibliográficos acerca do ensino da Arte para o desenvolvimento do projeto na escola.

1. PENSANDO A ARTE NA CONTEMPORANEIDADE

Sabe-se que, nos dias atuais, a arte se apresenta de diversas maneiras e formas, portanto, é necessário saber um pouco sobre o percurso histórico da arte, sobretudo a contemporânea, antes de adentrarmos no estudo de caso a que se propõe esta pesquisa.

Ao longo dos séculos XX e XXI, ocorreram manifestações que afetaram radicalmente o comportamento político-social dos dias atuais. A transição da arte moderna para a contemporânea, ou Pós-Moderna, inicia por volta dos anos 1960, mas, para alguns autores, ela começa mais precisamente após a Segunda Guerra Mundial, e, por isso, é denominada de arte do pós-guerra.

No início dos anos 60 ainda era possível pensar nas obras de arte como pertencentes a uma de duas amplas categorias: a pintura e a escultura. As colagens cubistas e outras, a performance futurista e os eventos dadaístas já haviam começado a desafiar este singelo “duopólio”, e a fotografia reivindicava, cada vez mais, seu reconhecimento como expressão artística. No entanto, ainda persistia a noção de que a arte compreende essencialmente aqueles produtos do esforço criativo humano que gostaríamos de chamar de pintura e escultura. (ARCHER, 2001, p.1)

Com base nas afirmações de Archer (2003, p.1), depois de 1960, houve uma decomposição das certezas quanto aos sistemas de classificação. Ressalta ainda que,

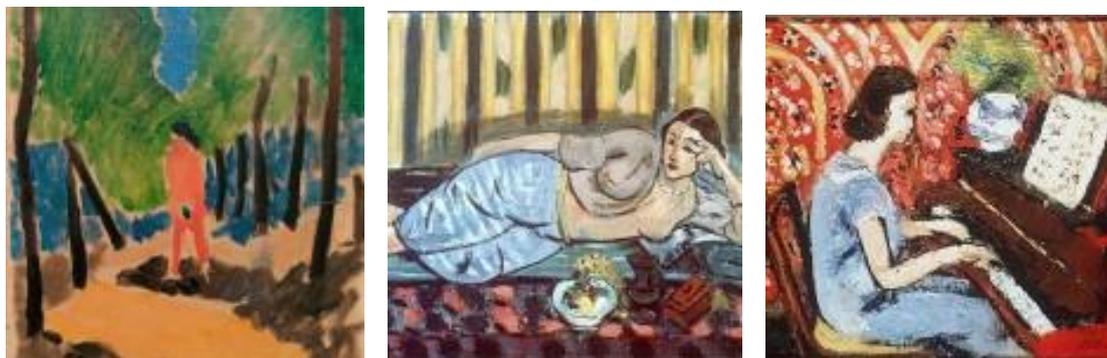
Sem dúvida, alguns artistas ainda pintam e outros fazem aquilo a que a tradição se referiria como escultura, mas estas práticas agora ocorrem num espectro muito mais amplo de atividades. (ARCHER, 2001, p.1)

A partir desse período começaram a surgir artistas e obras que buscam apresentar ao público um modo diverso de perceber e conceber a arte. Foi um período cheio de contradições e complexidades e no qual surgiu um terreno farto para a criação de novos conceitos no campo das artes. Já antes dos anos 60, movimentos e tendências artísticas, tais como o Expressionismo, o Fauvismo, o Cubismo, o Futurismo, o Dadaísmo, o Surrealismo, a Op-art, a Pop-arte e o Grafitti, expressaram, de um modo ou de outro, a perplexidade do homem contemporâneo.

O Fauvismo trabalhou a independência da cor e as relações entre forma e cor. As figuras não eram representadas tal qual a forma *real*, ao passo que as cores eram usadas da maneira que saiam do tubo de tinta.

Esse artista descobre o “puro ato de pintar”. Isso significa que a cor como cor pura pode ter seu próprio ritmo, sua própria estrutura, pode ser exaltada por ela mesma, em vez de ser usada como um acessório descritivo ou decorativo para outros elementos do quadro. (VENEROSO, 2008, p. 57)

Figura 1 – Henri Matisse (1869-1954), pintor francês



Fonte: <https://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-seculo-20/fovismo>

Já no Futurismo, há uma tendência ao dinamismo e à idolatria da civilização industrial. A civilização industrial é o elemento principal de sua investigação e o ponto central da estética futurista é a procura de uma expressão pictórica do dinamismo, além do repúdio a toda a tradição.

Figura 2 - Velocidade do Automóvel (1913), de Giacomo Balla

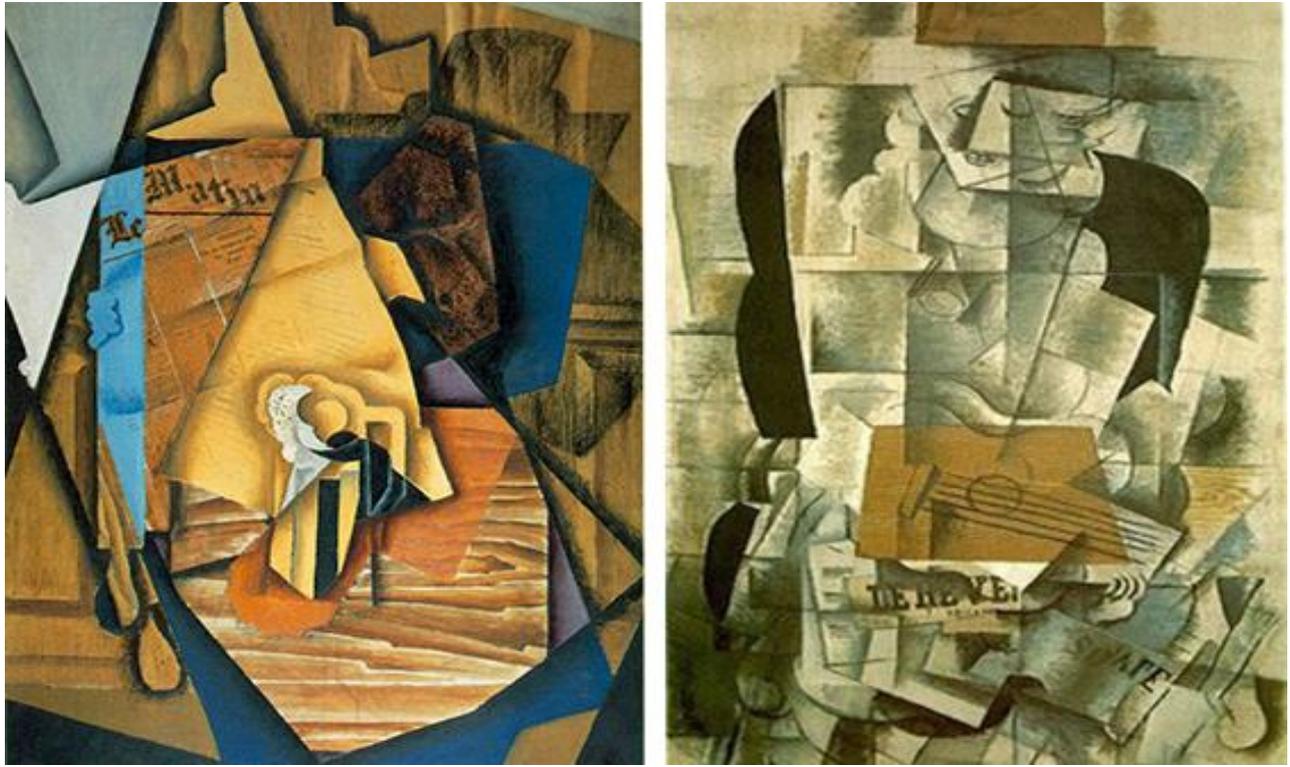


Fonte: <https://www.todamateria.com.br/futurismo>

O Cubismo vai trabalhar, principalmente, a questão da geometrização do espaço; a intenção era representar um mesmo objeto visto de vários ângulos, em um único plano.

O espaço trabalhado pelos cubistas não é o espaço "real", pois o que está em questão é o próprio espaço da tela. O Cubismo incorporou, pela primeira vez na arte ocidental, o princípio de que uma obra de arte, na concepção assim como na aparência, na essência e na substância, não precisa se restringir à aparência do objeto ao qual ela se refere. Esse movimento pode ser estudado através do tratamento que ele dá a um dos problemas contínuos da arte desde o Renascimento: a relação do objeto com o espaço no qual ele é visto, e a representação desta relação dimensional em uma superfície plana. (VENEROSO, 2008, p.57)

Figura 3 - À esquerda, Homem no Café (1914), de Juan Gris. À direita, Mulher com Violão (1908), de Braque

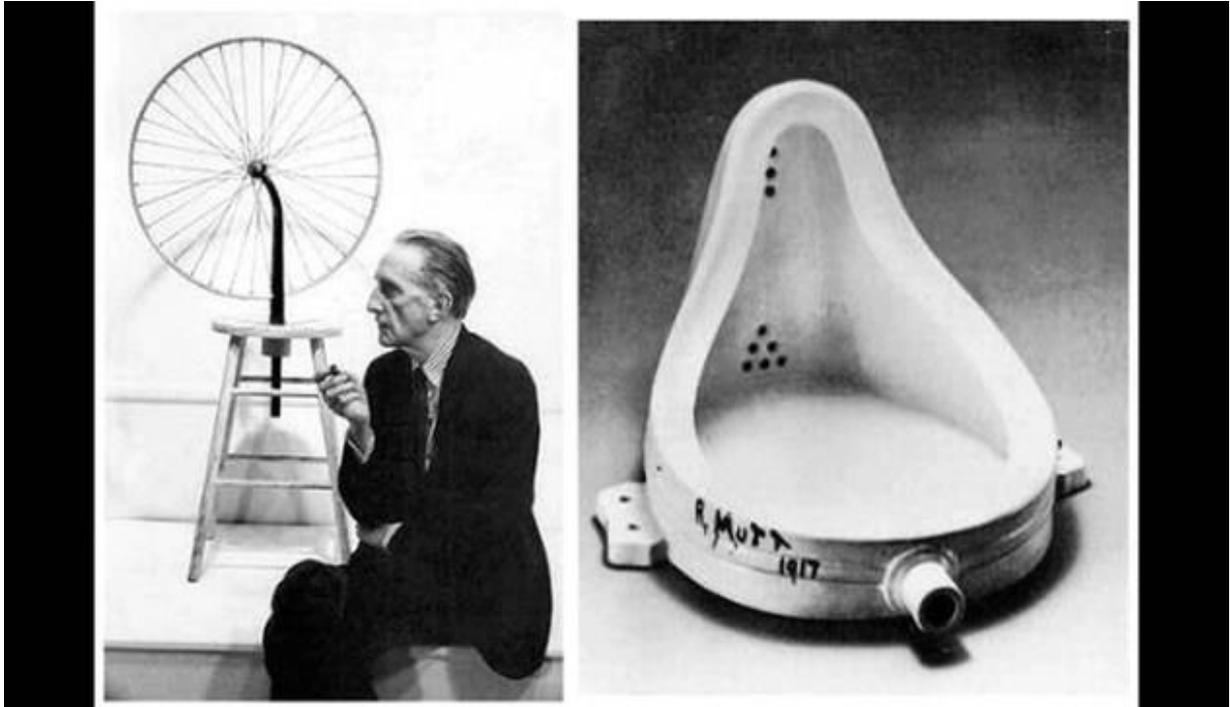


Fonte: <https://www.todamateria.com.br/cubismo>

No Dadaísmo, podemos encontrar um movimento que abrange a arte em todos os seus campos, pois ele não foi apenas uma corrente artística, mas sim, um verdadeiro movimento literário, musical, filosófico e até mesmo político. O Dadaísmo protestava e provocava, naquela época, a sociedade burguesa. Sua arte tem natureza simples, alegre, irracional e muito específica.

No Dadaísmo artistas e escritores se revoltam contra a guerra que estava anulando a cultura ao invés de defendê-la. O Dada é, portanto, uma forma de protesto, que se manifesta por meio do niilismo artístico. Os artistas se colocam contra os valores vigentes da arte, pois, para os dadaístas, a arte representava uma sociedade que tinha promovido a guerra, portanto a arte era falsa e hipócrita como essa sociedade. (VENEROSO, 2008, p.58)

Figura 4 - Marcel Duchamp foi um dos expoentes do Dadá. À esquerda, posa com “Roda de Bicicleta”. À direita, “Fonte”.

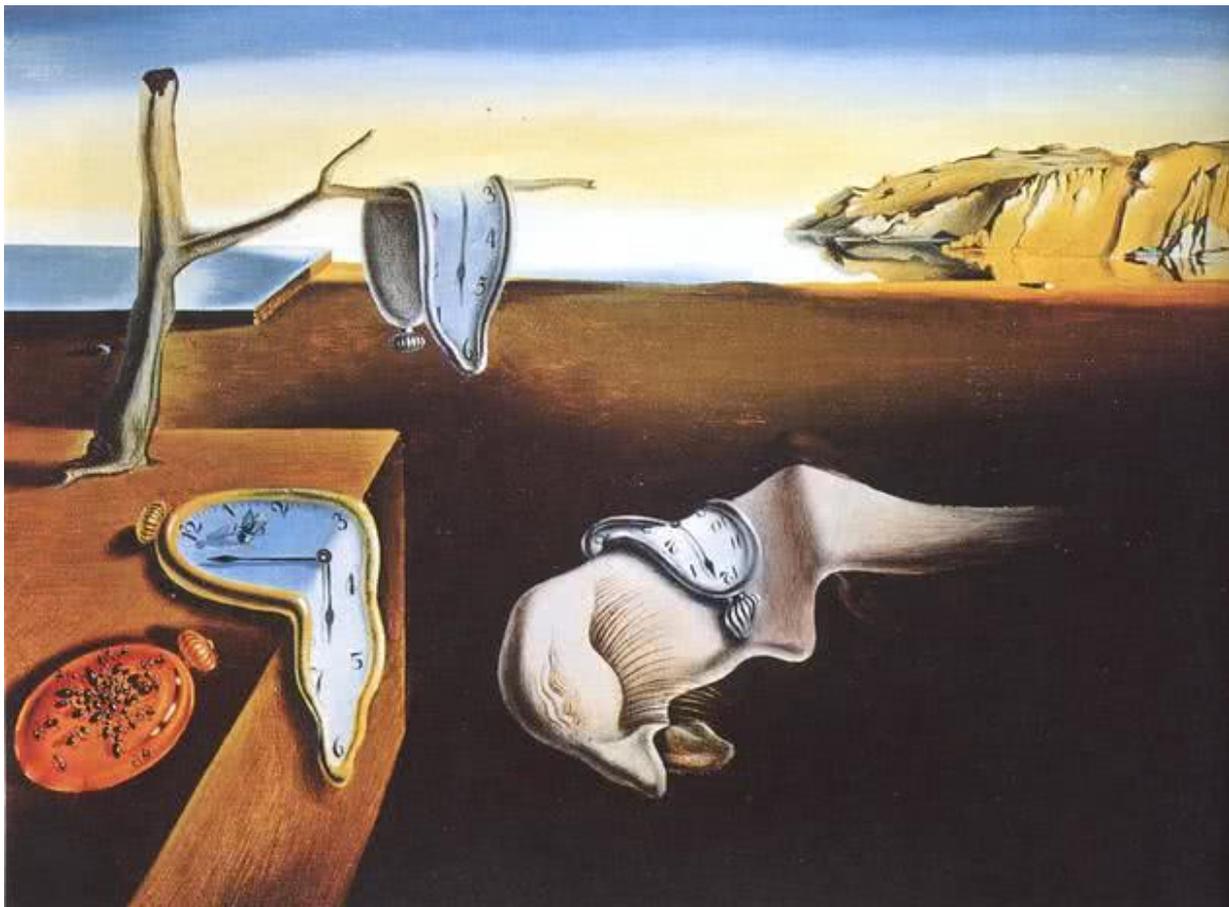


Fonte: <https://www.todamateria.com.br/dadaismo>

No Expressionismo, a preocupação está em expressar as emoções humanas, transparecendo em linhas e cores vibrantes os sentimentos e angústias do homem moderno.

Já o Surrealismo, procura a representação do irracional e do subconsciente. Segundo Veneroso (2008, p.58), esses artistas buscam liberar a imaginação que está atrás da racionalidade do ser humano, com seu esquema simbólico hierarquizado e classificado, assim como sua ordem social.

Figura 5 - Figura 5- Salvador Dali – “Persistência da memória”



Fonte: <http://julirossi.blogspot.com/2009/08/surrealismo.html>

Figura 6 - À esquerda, a tela “Desejo de Amor” (1932), de Ismael Nery. À direita, “Abaporu” (1928), de Tarsila do Amaral



Fonte: <https://www.todamateria.com.br/surrealismo>

Na Pop Art, os artistas trabalhavam com cores vivas, excepcionais e massificadas pela publicidade e desenvolveram uma postura de crítica ao excesso de consumo da sociedade capitalista e tudo o que ela envolve. Partem da cultura urbana de produção em massa, que inclui filmes, publicidade, quadrinhos, ficção científica, música pop, produzindo pinturas, gravuras, colagens, happenings, etc.

Figura 7 - Roy Lichtenstein (1923-1997)



Fonte: <http://julirossi.blogspot.com/2009/09/pop-art.html>

A Op-art (Arte Ótica) utiliza certos fenômenos do sistema visual. Os artistas usam da ilusão de óptica para criar movimento nas obras, com grafismos e estampas que variam conforme os olhos do observador percorrem a figura.

Figura 8 – Zebra



Fonte: <https://arteref.com/arte/a-op-art-e-os-8-principais-artistas-representantes-que-voce-precisa-conhecer/>

No grafite, os artistas utilizam expressões plásticas simbólicas e abstratas, buscam inspirações em alguns acontecimentos urbanos e críticos à sociedade, com o objetivo de levar a reflexão àqueles que apreciam as imagens. É uma arte que surgiu nos EUA no final da década de 1960 e início de 1970 ligados ao Hip Hop.

Figura 9 - Ironia do Policial Negro (1981)



Fonte: <https://www.culturagenial.com/jean-michel-basquiat-obras>

A partir do século XX e XXI o campo da arte foi ampliado e há uma maior liberdade, por parte do artista, para escolher como se expressar. Acredita-se que a Arte Contemporânea trouxe valores para a constituição de uma nova mentalidade, abriu espaço para diversidade de estilos, perspectivas, técnicas e abrangência de linguagens artísticas (dança, música, moda, fotografia, pintura, teatro, escultura, literatura, performances, happenings, instalações, videoarte, etc). Nela, há a diluição das fronteiras entre as linguagens, a criação de narrativas não lineares sem começo, meio e fim ou, às vezes, sem uma ordenação lógica, causal; a participação do espectador é cada vez mais frequente e intensa, chegando a assumir, em determinadas obras, o papel de coautor.

Essas características da arte contemporânea quando aplicadas à educação atual, objetivam, sobretudo, a interdisciplinaridade, a complexidade informacional e a

construção coletiva, características fundamentais para que se possa ministrar uma aula de artes no século XXI.

1.1 Arte Contemporânea no Brasil

No Brasil, a Arte Contemporânea se inicia na década de 1960 com a forte influência da Pop Arte americana que, na época, teve um profundo impacto no país devido ao golpe militar de 1964. Os artistas faziam fortes críticas à situação política então estabelecida. Já a segunda metade dos anos 60 foi marcada pelo tropicalismo: a obra “Ambiente Tropicália”, de Hélio Oiticica, deu nome ao movimento que repercutiu na música com Caetano Veloso, Gilberto Gil e outros; no teatro e nas artes plásticas; no cinema, com Glauber Rocha. Hélio Oiticica também desenvolveu, em 1967, o conceito de "Suprassensorial", fazendo uma arte que promove uma volta do sujeito a si mesmo através de experiências libertadoras.

Figura 10 - “Suprassensorial”



Fonte: http://obviousmag.org/pintores-brasileiros/helio_oiticica/as-principais-obras-de-helio-oiticica.html

Na década de 1970 a arte assume uma característica de raciocínio do pensamento, da razão e da tecnologia e começa a se afastar dos conflitos políticos. Com o surgimento dos movimentos artísticos das décadas de sessenta e setenta, a

influência mútua dos meios de comunicação e das tecnologias, assim como o rompimento com os materiais nobres e as linguagens tradicionais, as artes se instalam em espaços comuns e passam a integrar o cotidiano da população brasileira. Segundo Clara Balbi (2019, p.1) a primeira “Exposição Internacional da Arte por Meios Eletrônicos” aconteceu em São Paulo, no ano 2000, com o File (Festival Internacional da Arte por Meios Eletrônicos), promovendo, assim, o início do processo de arte tecnológica de execução de obras de arte com o auxílio do computador. Cildo Meireles foi um dos artistas que se destacou nesse período com obras que questionavam o próprio circuito artístico.

Figura 11 - "Tiradentes - Tóten-Monumento ao Preso Político" de Cildo Meireles, na exposição "Do Corpo à Terra", no Parque Municipal de Belo Horizonte, em 1971



Fonte: <http://www.iea.usp.br/noticias/criacao-publica-e-geracao-80>

Nos anos 80, com o movimento pelas “Diretas Já”, instaura-se no país um clima de esperança conduzido pela anistia política, a campanha pelas eleições

diretas e a Nova República. Inicia-se um novo cenário político e isto causa um grande impacto nas artes plásticas que supera um período de censura e restrições artísticas. Veneroso (2008, p.63) afirma que um fenômeno típico dos anos 1980 foi a apropriação do graffiti pelo mundo da arte, assim como uma ênfase maior nas manifestações de arte pública.

O clima de otimismo que se instaurou no país teve um grande impacto nas artes plásticas, com a liberação da cor e da emoção, que traduziram o clima de festa que tomou conta das cidades com projetos de murais na rua, o graffiti, as performances. Houve um renascimento da pintura, acompanhando uma tendência internacional que também apontava nessa direção. (VENEROSO, 2008, p. 65).

A autora relata que,

Surge a Transvanguarda, com o resgate das técnicas tradicionais de pintura, o uso da citação e a escolha da própria História da Arte como tema. O graffiti das ruas invade as galerias, com trabalhos de artistas como Jean-Michel Basquiat. (VENEROSO, 2008, p. 63).

Simultaneamente, a mobilização que surgia em Nova Iorque, o graffiti manifesta-se no Brasil como uma arte transgressora que transmitia mensagens de cunho social, humanitário, cultural, político e, sobretudo, artístico, criado em espaços públicos como paredes, edifícios, ruas, etc.

Conhecida no Brasil como “Geração 80”, movimento que reflete a arte deste tempo e do qual originou, no Rio de Janeiro, a exposição “Como vai você, Geração 80?”, com curadoria do crítico Marcos Lontra, reuniu jovens artistas do país com várias tendências.

Segundo Veneroso (2008, p.65), percebe-se, atualmente, uma retomada das ideias das vanguardas dos anos 60, acrescidas de todas as conquistas na arte das últimas décadas.

2. ESCOLA MUNICIPAL LEILA MARIA LOPES FISHER

A Escola Municipal Leila Maria Lopes Fischer está situada no Bairro D. Pedro I, na avenida Ingrácio Marques Siqueira, 1380, na cidade de São José da Lapa, região metropolitana de Belo Horizonte.

Figura 12 - E. M. Leila M. L. Fischer



Fonte: Fotografia da autora (2019)

<https://maps.app.goo.gl/Ybg1k9pnimDJAGqf9>

Figura 13 - E. M. Leila M. L. Fischer



Fonte: Fotografia da autora (2019)

É uma escola com 50 funcionários, que atende da Educação Infantil ao 5º ano do Ensino Fundamental. A escola foi inaugurada em 07 de setembro de 2008. O nome da escola é uma homenagem à educadora Leila Maria Lopes Fischer, pelos significativos serviços prestados à educação de São José da Lapa. Atualmente, a estrutura física da escola é considerada uma das melhores do município, contando com 12 salas de aulas, 02 laboratórios que funcionam como sala de maternal, sala de vídeo, biblioteca, sala de jogos, secretaria, quadra coberta, cantina, pátio, banheiros e rampas adequadas a pessoas com deficiência, grande área verde para horta e plantas ornamentais, além das demais dependências para atividades administrativas. A Educação Infantil funciona no térreo para segurança das crianças. Todas as dependências da escola possuem cortinas, ventiladores, prateleiras e mobiliário completo para os alunos.

Figura 14 - Cantina e pátio da E. M. Leila M. L. Fischer



Fonte: Fotografia da autora (2019)

Figura 15 - Jardim da E. M. Leila M. L. Fischer



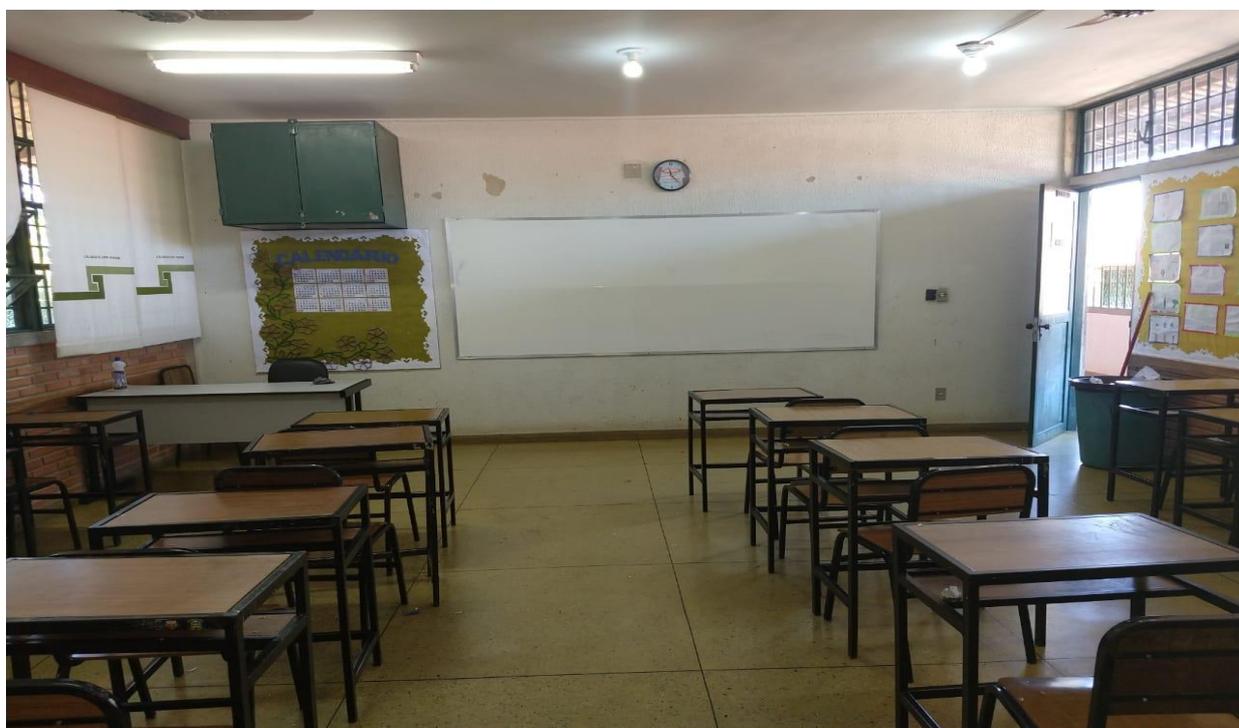
Fonte: Fotografia da autora (2019)

Figura 16 - Quadra da E. M. Leila M. L. Fischer



Fonte: Fotografia da autora (2019)

Figura 17 - Sala de aula da E. M. Leila M. L. Fischer)



Fonte: Fotografia da autora (2019)

A substituição dos professores durante o ano letivo é pequena, não chegando a comprometer o funcionamento da escola. Porém, a falta de prioridade com a educação no município de São José da Lapa é visível, causando até mesmo atrasos no início das aulas. Como foi o caso, no ano de 2019, quando as aulas iniciaram-se somente no mês de março por falta de recursos para o transporte e a merenda escolar, além dos salários atrasados dos professores e a remuneração dos profissionais da educação que está entre as mais defasadas da região metropolitana de Belo Horizonte.

A grande maioria dos funcionários participa ativamente dos eventos empreendidos pela escola, tornando-os agradáveis para a comunidade escolar e, por vezes, buscando neles, com determinação, recursos para aquisição de bens e serviços necessários à melhoria das condições de funcionamento da escola.

A comunidade atendida pela escola é de baixo poder aquisitivo; grande parte dos pais estão no trabalho informal, portanto, a escola tenta se adequar a essa realidade, proporcionando, na medida do possível, oportunidades de melhoria e expectativas para esses alunos. Todos os alunos recebem o material escolar básico gratuitamente da Prefeitura Municipal e a lista solicitada pela escola é mínima, na tentativa de adequá-la à realidade do bairro.

A limpeza de todo ambiente escolar é feita frequentemente e garante um ambiente agradável e a conservação do prédio público.

O professor é avaliado diariamente em suas atividades, sua postura frente à aprendizagem e formação do aluno e diante de sua atuação na escola como um todo. Aprovados em concurso público ou contratados, os profissionais realizam, segundo legislação vigente, avaliação de desempenho semestral. A escola possui 90% dos professores já com graduação completa e o restante com graduação em curso, podendo contar com capacitação oferecida pela Secretaria de Educação.

2.1 Concepção de currículo e prática pedagógica da disciplina Artes na Escola Municipal Leila Maria Fisher

De acordo com o artigo 25 da lei nº9394/96,

Os currículos do ensino fundamental e médio devem ser uma Base Nacional Comum Curricular, a ser complementada em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar por uma parte diversificada, exigida pelas características regional e local da sociedade da cultura e da clientela.

O currículo escolar busca as suas fontes de inspiração no saber e nas necessidades do contexto social. Morin (1989, p.33) afirma que rejunta tudo e impulsiona a razão aberta, pois conhecer é sempre rejuntar uma informação a seu contexto, ao conjunto ao qual pertence.

Na Escola Municipal Leila Maria Fisher o currículo é dividido por bimestre e é desenvolvido um conjunto de habilidades e competências dentro das áreas de: Português, Matemática, História, Geografia, Ciências, Ensino Religioso e Artes. Com relação à disciplina Artes, há um desalinhamento na elaboração teórica tanto quanto na produção prática. Não há um espaço destinado para o desenvolvimento das aulas de pintura e qualquer outra atividade prática de arte desenvolvida nesse âmbito, e é de conhecimento que toda disciplina, além da aula teórica, deva ter sua prática a ser desenvolvida.

A matéria é ministrada por professores de referência da turma, aquele com o qual os alunos permanecem a maior parte do período escolar, ou de professores licenciados nos respectivos componentes (art. 31) da Resolução CEB/CNE nº 7/2010, que fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Ou seja, tanto um pedagogo quanto um professor formado no magistério de nível médio estão autorizados a dar aulas de Arte e Educação Física para os seus alunos.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNEB), o pedagogo pode ministrar aulas de todas as áreas de conhecimento. Desta forma, a disciplina de Arte oferecida nos cursos de Pedagogia, precisa garantir ao pedagogo uma formação que lhe traga conhecimento em seus processos de ensino e aprendizagem, incluindo a formação inicial com experiência na criação artística, para que, com esta formação, possa orientar os processos criativos de seus alunos. Conseqüentemente, os pedagogos têm o desafio de inserir as crianças na linguagem da Arte, de ampliar seu repertório artístico em suas diferentes modalidades, envolver a Arte, desenvolver seu potencial criativo e a inclusão no processo de ensino e aprendizado nos anos iniciais e na educação. A disciplina de Arte no curso de Pedagogia tem como princípio a preparação de futuros professores para o seu ensino e aprendizagem. Nessa perspectiva, a Arte tem o seu espaço garantido na Matriz Curricular deste curso.

O ensino da arte contribui para formação cultural, construção da sensibilidade e fatores relacionados ao conhecimento das crianças. É através da

arte que a criança demonstra o que vê à sua volta. É por meio das atividades artísticas proporcionadas pelo professor que ela reproduzirá, do seu modo, o ambiente, a realidade, aquilo que a cerca e ela vivencia.

Segundo as pesquisas de Lowenfeld (1977), a arte pode auxiliar a criança no desenvolvimento social, físico, intelectual, emocional, estético, perceptual e criador. Essa linguagem promove vários tipos de auxílio no desenvolvimento do aluno. No entanto, a carga horária da disciplina de Artes na Escola Leila não é suficiente para um bom desenvolvimento do aluno, pois, assim como na maioria das escolas, é apenas uma aula semanal de 50 minutos para ser trabalhado um conteúdo extenso tanto de teoria como de prática. Desse modo, fica impossível fazer um bom trabalho com os alunos: não há uma valorização para o ensino de arte da forma como ainda é vista.

Os professores têm enfrentado numerosos empecilhos: escassez de recursos didáticos, indisciplina e desinteresse dos estudantes, inconformidade das estratégias de ensino – fazendo prevalecer, muitas vezes, o conhecimento raso e a perspectiva reprodutivista (CUNHA, 2012). Na escola, o espaço não é adequado para a aplicação da disciplina. Para as aulas de danças e teatro, os espaços sempre são improvisados e acontecem somente para apresentação em eventos comemorativos do calendário escolar. De acordo com os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), as aulas de artes devem contemplar atividades que envolvam as quatro linguagens existentes, são elas: a música, o teatro, a dança e as artes visuais. Como afirmam os Parâmetros Curriculares Nacionais, a Arte é um modo privilegiado de conhecimento e aproximação entre indivíduos de culturas diversas; favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças, num plano que vai além do discurso verbal.

Pelo fato da Escola não possuir um espaço apropriado para as aulas práticas de arte, a relação entre teoria e prática acaba não sendo tão eficaz, pois as aulas teóricas são mais enfatizadas, e as aulas práticas, quando desenvolvidas, são realizadas na própria sala de aula, onde não há nenhuma estrutura apropriada para serem executadas atividades manuais. É necessário que haja um espaço apropriado para as aulas de artes, pois é nesse espaço que os alunos desenvolvem suas habilidades, sensibilidade, percepção, expressão e sua criação.

Os docentes da escola também enfrentam a falta de suporte do livro didático, visto que é uma ferramenta importante de apoio para que o professor de

arte planeje os conteúdos a serem ministrados em sala de aula. A participação do professor no processo de escolha do livro didático é de extrema importância, pois deve saber das qualidades e limitações que o livro possui. Como aponta Pavão (2006, p.4), “o livro deve contribuir para que o professor organize sua prática e fornecer questões de aprofundamento das concepções pedagógicas desenvolvidas na Escola”. Entretanto, quanto ao critério utilizado para a escolha do livro, o professor, às vezes, participa da ação, todavia, apesar das ações desenvolvidas pelo Programa Nacional do Livro Didático, o processo de escolha do Livro Didático nem sempre tem acontecido da maneira prevista pelo Programa. Através do decreto de Lei nº 91. 542, de 19 de agosto de 1985, estabeleceu-se, entre outras determinações, que os livros didáticos seriam escolhidos pelos professores conforme sua área de atuação, e deveriam ser utilizados por três anos até o momento da nova escolha. Esse decreto também estabeleceu o fim da participação financeira dos Estados no processo de aquisição e distribuição dos livros. Entretanto, percebe-se na escola que os docentes demonstram possuir informações limitadas sobre o processo de escolha dos livros didáticos: o Guia para orientação de escolha dos Livros Didáticos fica sob o controle da equipe pedagógica da escola, o que também dificulta o contato dos professores com esse material e, conseqüentemente, com a avaliação nele presente sobre os livros. Assim, o processo de escolha ocorre de forma não planejada, uma vez que os professores não dispõem de tempo e espaços apropriados para analisar e discutir sobre as coleções didáticas. O momento da escolha do livro é organizado pela Secretaria Municipal de Educação. Contudo, na maioria das vezes o conteúdo do livro não é o mesmo da grade curricular do aluno, o que termina por dificultar o uso do livro didático em sala de aula.

A forma de avaliar os conteúdos de arte adotada pela escola se dá através das atividades avaliativas objetivas, subjetivas, prova bimestral, atividades teóricas e práticas, feira cultural, show de talentos. A avaliação também ocorre através de interesse e participação dos alunos nas aulas e atividades. Com relação à receptividade dos alunos da 5º série em relação às aulas de Artes, alguns não demonstram interesse pela disciplina, mas também há alunos que se interessam em estudar e envolver com o ensino de Artes.

3. O ENSINO DA ARTE CONTEMPORÂNEA: PROPOSIÇÃO DE METODOLOGIAS

A arte contemporânea surgiu na segunda metade do século XX, para muitos autores e historiadores, mais precisamente após a Segunda Guerra Mundial. Ela se prolonga até os dias atuais. Algumas de suas características é a diluição das fronteiras entre as linguagens, a criação de narrativas não lineares, sem começo, meio e fim ou, às vezes, sem uma ordenação lógica, causal; e a participação do espectador cada vez mais frequente e intensa, chegando a assumir, em determinadas obras, o papel de coautor. Essas características da arte contemporânea aplicadas à educação atual tem como objetivo um bom processo educativo com interdisciplinaridade, complexidade informacional e construção coletiva, características fundamentais em uma aula de artes do século XXI.

A Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa é hoje a principal referência do ensino da Arte no Brasil. Essa proposta procura englobar vários pontos de ensino/aprendizagem ao mesmo tempo, entre os principais estão: leitura da imagem, objeto ou campo de sentido da arte (análise, interpretação e julgamento), contextualização e prática artística (o fazer).

Segundo Lúcia Pimentel (2009), professora da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, o professor de Arte tem desafios constantes no sentido de pesquisar e conhecer métodos, de criar metodologias e, além disso, da importância de ser professor, auxiliar no desenvolvimento e aprimoramento. Vale destacar que o termo método significa regra ou procedimento a ser seguido, com vistas à obtenção de um “bom” resultado (PIMENTEL, 2015, p. 88-98).

A autora relata que:

O método é aplicado e não supõe necessariamente o conhecimento de seus princípios por parte do usuário, mas sim a realização de sequências de ações ou fórmulas, cuja aplicação deve levar a um resultado pretendido. O método, portanto, tem limitações quanto à possibilidade de criação. (PIMENTEL, 2015, p. 88-98)

Existem diferentes tipos de métodos de ensino, com características variadas, que atendem necessidades e expectativas diferentes. Nesse sentido, vale salientar que, no momento em que se planeja implementar um ou mais métodos de ensino, na verdade, está se organizando novas formas e possibilidades para que os

estudantes consigam apreender com mais facilidade e é fundamental que os educadores identifiquem esses perfis na hora de optar por um ou outro método de ensino.

E metodologia é a construção, por parte do pesquisador, de propostas de hipóteses, teorias e soluções a partir do conhecimento dos fundamentos ou premissas de métodos, propostas ou abordagens já conhecidas (PIMENTEL, 2015, p.88-98).

A metodologia escolhida guiará os professores, indicando novas formas de ensino e, às vezes, até mesmo novos recursos de aprendizagem; é preciso entender que existem diferentes modelos pedagógicos que podem ser aplicados.

Para Lúcia Pimentel (2007, p. 25-33) metodologia é uma construção conceitual, elaborada pela intervenção do método. É como espiral de conjugação de métodos aliados à inovação de ações que criam novos métodos, que por sua vez se integrarão a novas metodologias.

Segundo Demo (1995), professor da Universidade de Brasília, na pesquisa, a metodologia é uma disciplina que instrumentaliza quanto aos procedimentos a serem tomados, possibilitando acesso aos “caminhos do processo científico”; além disso, ela visa, também, promover questionamentos acerca dos limites da ciência sob os aspectos da capacidade de conhecer e de interferir na realidade. Severino (2007, p. 17-18), professor da Universidade de São Paulo, ressalta que o trabalho científico

[...] refere-se ao processo de produção do próprio conhecimento científico, atividade epistemológica de apreensão do real; ao mesmo tempo, refere-se igualmente ao conjunto de processos de estudo, de pesquisa e de reflexão que caracterizam a vida intelectual do estudante [...].

As metodologias de ensino têm um papel fundamental que integram estratégias, técnicas e atividades voltadas a diferentes situações didáticas vividas pelo estudante, tendo como objetivo propiciar condições para que o aluno possa se apropriar dos conhecimentos propostos.

Vieira (2003), escritor e diretor do Colégio Jean Piaget, aponta que o conhecimento tomou proporções que vão além dos limites das instituições de ensino ou do que o professor pode dispor, podendo ser construído em várias formas e lugares.

Na era digital, o acesso ao conhecimento tornou-se algo muito fácil, pois os recursos e as ferramentas disponíveis contribuem de forma significativa para o

desenvolvimento de novas habilidades. Aderir aos avanços tecnológicos na educação significa, para o docente, dar lugar ao papel de mediador e problematizador do aprender, contribuindo com várias possibilidades de aprendizagem, caminhos que poderão ser percorridos. A era digital é também a era dos desafios, principalmente para professores que, ao longo dos tempos, haviam estipulado uma forma de ensinar, como se fosse algo pronto e acabado.

Para Paulo Freire, educador e filósofo, “o que faz da educação uma arte é precisamente quando a educação é também um ato de conhecer” (SHOR; FREIRE, 1996, p. 509). Afirma, ainda, que o conhecimento é uma tarefa artística porque nosso conhecimento tem uma dada qualidade de vida, cria e anima objetos com o nosso estudo a respeito deles (SHOR; FREIRE, 1996, p. 509).

Diante dessa realidade há a necessidade de sistematizar o conhecimento científico, pois, a partir disso, a metodologia começa a ser instituída e atrela a pesquisa e o seu pleno desenvolvimento.

De um lado, tem uma dimensão epistemológica: a perspectiva do conhecimento. Só se conhece construindo o saber, ou seja, praticando a significação dos objetos [...] assume ainda uma dimensão pedagógica: a perspectiva decorrente de sua relação com a aprendizagem. Ela é mediação necessária e eficaz para o processo de ensino/aprendizagem. Só se aprende e só se ensina pela efetiva prática da pesquisa. Mas ela tem ainda uma dimensão social: a perspectiva da extensão [...]. (SEVERINO, 2007, p. 26).

Nesse contexto, a pesquisa assume papel importante, pois tanto o docente quanto o estudante farão uso da pesquisa para aprimorar, colocar em prática e construir conhecimento de maneira significativa. Severino (2007, p. 25-26) diz que o “professor precisa da prática da pesquisa para ensinar eficazmente; o aluno precisa dela para aprender eficaz e significativamente [...]”.

Segundo Teixeira (2010), pesquisadora e educadora, para que se alcance uma educação de qualidade esta deve estar atrelada ao conhecimento. Dessa maneira, será possível a construção do conhecimento voltado para uma educação comprometida e, realmente, construtiva.

O professor é quem pode melhor pensar e produzir o material didático de acordo com sua turma e público, criando condições para ampliação da sua percepção estética. O material didático-pedagógico para Artes Visuais deve ser instigante, deve provocar a curiosidade dos alunos, favorecer a construção em

conhecimentos em artes visuais envolvendo e estimulando-o. O material deve dialogar e relacionar com o objeto da arte e é desejável que envolva recursos que reflitam a cultura e realidade do aluno. Atualmente, a arte propõe novas expressões e fortes posicionamentos a respeito da sociedade, da política, da realidade mundial, dos tabus, entre muitos outros temas. É uma arte que expressa pontos de vistas sobre diversos assuntos relevantes para sua época

No mundo de hoje, a maior parte das crianças e jovens está inserida em uma cultura na qual as tecnologias, o computador e a internet são muito comuns. Por isso, esses jovens também são conhecidos como “nativos digitais”, (JORDÃO, 2009). Portanto, é inegável a importância dos recursos tecnológicos na educação e, por isso, o Ministério da Educação afirma que estes “precisam ser explorados de forma crítica e criativa, contribuindo para tornar o ato educativo mais próximo da realidade dos educandos, além de mais dinâmico, rico e contextualizado” (BRASIL, s. d., p. 1). Assim,

A escola é de fundamental importância para o desenvolvimento de currículos e projetos pedagógicos nos quais as tecnologias de informação e comunicação também se constituam como recursos a essas novas formas de aprender e ensinar. (JORDÃO, 2009)

Ao professor,

Cabe adaptar suas formas de ensinar, conforme as características deste público, utilizando os recursos tecnológicos a favor da educação, melhorando sua fluência digital e integrando as tecnologias digitais no processo de ensino e aprendizagem, tendo em vista que o modo como os jovens de hoje aprendem é bem diferente do modo como aprendemos no passado. (OLIVEIRA, 2013, apud JORDÃO, 2009)

Portanto, o professor deve ser o articulador, colaborador e coordenador das atividades que são desenvolvidas. Para utilizar os computadores e a internet de forma benéfica, é preciso criar situações em que o conteúdo da aula faça sentido para o aluno, para que as produções escolares sejam significativas (OLIVEIRA, 2013).

Ensinar arte significa possibilitar experiências e vivências significativas em fruição, reflexão e elaboração artística. Para isso, é necessário que o professor tenha uma base teórica que lhe possibilite a ampliação de pensamento, tanto para conhecer os caminhos trilhados por seus alunos quanto para propiciar momentos significativos que possibilitem encontrar novos processos individuais e coletivos.

3.1 O Projeto na Escola

A implementação do projeto que proponho será com alunos da 5ª série do Ensino Fundamental. Para isso, pretendo elaborar um texto de apoio com conteúdos para os alunos e um cronograma de ações de acordo com o calendário escolar. Para a elaboração do texto dos alunos e para o planejamento das ações contemplarei três momentos da organização pedagógica: teorizar – conhecimento contextualizado da arte - sentir e perceber – é o momento de acesso e leitura da obra de arte - e o trabalho artístico do aluno.

Antes de iniciar o assunto “Arte Contemporânea”, desenvolverei com os alunos um trabalho de leitura comparativa de obras de arte - pinturas em tela - com a finalidade de levá-los a perceberem e buscarem o conteúdo expressivo nas obras de arte. Nas atividades de leitura propostas, considerarei o aspecto formal da obra, analisando de que maneira o artista articula os elementos formais – linha, cor, textura, luz e sombra - para tornar a obra expressiva. Analisarei, ainda, diferenças, conexões e relações entre algumas obras. Escolherei obras de épocas, estilos e artistas diferentes. Durante a análise, cada obra será contextualizada.

Para introduzir o assunto, organizarei as informações em slides (em PowerPoint) com imagens da história da Arte Contemporânea, fazendo um paralelo entre os suportes usados no passado e na atualidade (materiais como: tela, o mármore, a argila, o papel e a madeira) que os artistas utilizam para expressarem suas ideias. Discutirei com os alunos em que momento houve a mudança de suportes, os fatos que levaram a estas mudanças, os significados dos mesmos, tudo isso por meio da análise de imagens.

Para mostrar alguns dos novos suportes usados na contemporaneidade, analisarei fotos das obras de artistas brasileiros. Questionarei sobre qual seria a intenção dos artistas nos seus devidos contextos. Analisarei e os incentivarei a fazerem suas próprias análises das obras e que busquem, igualmente, compreender o papel dos suportes usados e escolhidos pelo autor em cada obra. Apresentarei aos alunos um pouco da história da arte contemporânea e as suas principais características.

Conversarei com os alunos sobre imagens de obras de arte visuais. Apresentarei à classe pranchas com obras de artistas renomados, mas, também, vários tipos de imagens que costumamos ver em nosso cotidiano e que muitas

vezes não pertencem ao território da arte, tais como recortes de revistas, panfletos distribuídos na rua, fotos de família, etc. Colocarei todas essas imagens sobre uma mesa e deixarei os alunos manipularem e observarem as imagens e, logo após, iniciar uma discussão com as seguintes perguntas:

- Qual técnica foi utilizada para formar as imagens? Quais os materiais foram utilizados? O que você vê nessa imagem? Para onde ela te leva?

Deixarei que os alunos exponham suas opiniões livremente para que, assim, instaurem campos de troca de ideias e de conceitos. Direcionarei, ainda, o olhar dos estudantes para questões formais ligadas à composição e às técnicas utilizadas. Perguntarei como cada um vê os diversos elementos presentes nas imagens e como esses dialogam uns com os outros e com outras imagens. Depois, apresentarei a proveniência de cada imagem e abrirei a discussão, levantando relações entre como percebemos e interpretamos os estímulos visuais a nossa volta.

Em seguida, pedirei para cada aluno trazer pelo menos três imagens de fontes diferentes que possam ser utilizadas nos trabalhos em classe. As fotos de família que não puderem ser recortadas poderão ser copiadas ou escaneadas.

O objetivo desta aula é tentar ressignificar os elementos presentes em diferentes imagens, recortando cada pedaço das figuras trazidas pelos alunos. Pedirei que os alunos recortem as imagens e depois façam a colagem dos elementos em um novo suporte ou em um fundo com outra imagem. A ideia é que cada aluno construa uma nova imagem relacionada à sua personalidade, aos seus desejos e medos, à sua própria memória, a partir da união de diferentes elementos, transformando cada parte original e criando uma nova relação e uma nova mensagem.

Disponibilizarei um banco de elementos visuais separados em uma pasta para servirem de referência e de recurso gráfico, assim como outras fontes de imagens para aqueles que precisarem de mais formas. Pedirei que cada aluno coloque um título na imagem criada, caso achem necessário e depois fotografem a imagem com celular.

Pedirei que os alunos compartilhem as imagens; farei, também, um livro digital com as imagens criadas pela turma. Organizarei um mural para exposição na escola com as imagens montadas.

Escurecerei parcialmente a sala de aula e, através do retroprojetor, mostrarei para os alunos as imagens do livro digital criado pela turma, assim, cada aluno

poderá falar sobre sua imagem e seu título. Através das falas dos educandos, provocarei intervenções e discussões sobre as construções e as composições das imagens contemporâneas. Os alunos deverão responder questões como:

- Qual foi sua ideia inicial?
- Como cada ferramenta contribuiu para a concretização de suas ideias?
- Como se formam as imagens?
- Como se juntam as imagens?
- Para que serve uma imagem?
- Como você vê a forma em que as imagens são utilizadas nos dias de hoje?
- Existe uma forma ideal?

Depois, pedirei que cada aluno transcreva para o papel a sua experiência com a atividade proposta.

Para conhecer melhor o *Graffiti*, sua linguagem, as técnicas e alguns grafiteiros, farei um trabalho com os alunos com o objetivo de mostrar a eles a relação entre Graffiti e Pichação, seus pontos comuns, suas diferenças e suas intencionalidades; assim como despertar nos mesmos o interesse pelo universo das artes visuais por meio do graffiti, como manifestação artística mais acessível, desenvolvendo a criatividade, as habilidades e a aquisição de valores. Mostrando essas duas formas de expressão pela cidade, serão desenvolvidas atividades com os educandos, nas quais eles farão seus próprios graffitis e, ao final do projeto, as turmas farão uma exposição de arte com seus trabalhos.

DINÂMICA 1

Em uma roda de conversa, falar com os alunos sobre o que é pichação e o que é grafite, deixando clara a diferença entre as duas modalidades. Pedir para que os alunos levem para sala de aula alguns exemplos; metade da turma poderá levar pichação e a outra metade grafite. Essas imagens devem ser da cidade ou bairro em que eles vivem. Em uma roda de conversa, analisar e discutir sobre as imagens. O professor poderá levar obras dos mais conhecidos grafiteiros do mundo para despertar o desejo pela arte de rua nos alunos.

Encaminhamento da ação:

A partir da arte e técnica proposta, fazer a montagem de um álbum com o tema gerador. A partir das imagens analisadas em sala, cada um irá criar seu próprio grafitti. O professor levará para a sala de aula folhas de A4 com pequenas imagens coladas de revistas, as mais diversas possíveis, tais como uma peça de roupa, um fogão, um óculos, um avião etc. Essa imagem da revista deverá ser colada em algum ângulo da folha. O professor deverá entregar e explicar para o aluno que ele deverá ser muito criativo e que preencher a tela por completo é essencial. Buscar a criatividade do aluno a partir de um ponto visual gerador, como muitas vezes é feita por muitos grafiteiros.

Sistematização do conhecimento:

Aprender sobre a arte de grafitar e como a criatividade é fundamental no mundo do grafitti, da arte em geral e da arte de rua.

DINÂMICA 2

Avaliação inicial:

Sondagem para saber o que as crianças sabem sobre grafitti e pichação. Se já viram pelas ruas. Se perto da escola ou da casa deles existe alguma dessas manifestações. Solicitar que as crianças relatem as características das pichações e grafites que já viram.

Encaminhamento da ação:

Depois de trabalhado em sala de aula a diferença entre grafite e pichação, um grafiteiro profissional convidado pela escola realizará uma oficina.

Na primeira etapa da oficina, cada criança vai receber uma folha para colorir com seu próprio nome, retratando a presença das letras na Arte do Grafite.

Na segunda etapa, será reservada uma parede inteira dentro da escola e as crianças, por meio da arte e com o auxílio do grafiteiro e das professoras, vão expressar suas sensações e sentimentos. Através de giz, carimbos, esponjas, pincéis, tintas atóxicas e estêncil com símbolos como paz, amor, corações, pássaros e outros, as crianças vão desenvolver a imaginação, habilidades artísticas, criatividade e valores, assim como experiência prática de transformação do meio e do espaço aberto.

Ao final da oficina, todos terão acesso aos trabalhos feitos pelas crianças, inclusive a comunidade escolar.

O professor é um elemento fundamental no processo de construção de valores e de senso crítico, sendo responsável por despertar o desejo de aprender, de preparar e de humanizar uma geração para atuar na complexidade do mundo moderno.

Sistematização do conhecimento:

Oficina de grafite, na qual os alunos, após aprenderem sobre a técnica, produzirão seus próprios desenhos. Após todos os grafittis prontos, os trabalhos serão mostrados para os pais, familiares, demais alunos e funcionários da escola.

A avaliação será feita através da participação e do envolvimento das crianças nas atividades desenvolvidas. Serão realizadas, também, todas as etapas do projeto para avaliar possíveis formas de melhorar o mesmo.

4. CONCLUSÃO

Como docente e com a intenção de aprimorar a prática pedagógica sobre a Arte Contemporânea, o desenvolvimento do presente trabalho possibilitou, através de levantamento bibliográfico sobre o assunto, o estudo de métodos e metodologias para o ensino de artes visuais contextualizado na Educação Básica. Toma como recorte um estudo de caráter descritivo para propor ações no ensino de artes em uma escola pública de Ensino Fundamental para alunos do 5º ano, do município de São José da Lapa/MG.

Diante da importância do papel da arte na formação cultural e social do aluno, é possível concluir que o trabalho com a Arte Contemporânea requer do professor muita reflexão teórica e prática, pois ensinar arte significa possibilitar experiências e vivências significativas em fruição, reflexão e elaboração. Para isso, é necessário que o professor tenha uma base teórico-prática que lhe possibilite a ampliação de pensamento, tanto para conhecer os caminhos trilhados por seus alunos, quanto para propiciar momentos significativos que possibilitem encontrar novos processos individuais e coletivos. Sendo assim, a pesquisa assume papel importante, pois tanto o docente quanto o estudante farão uso da pesquisa para aprimorar, pôr em prática e construir conhecimento de maneira significativa. Severino (2007, p. 25-26) diz que o “professor precisa da prática da pesquisa para ensinar eficazmente; o aluno precisa dela para aprender eficaz e significativamente [...]”.

Compete ao professor provocar interesse, curiosidade, entusiasmo, vontade de pesquisar, estímulo, amor pelo conhecimento e problematização do conteúdo, atitudes que dificilmente acontecem quando o professor não tem experiência advinda da pesquisa prático-teórica. Portanto, espera-se do professor que ele identifique as individualidades dentro de sala de aula, que vá além de somente transmitir conteúdos, mas que possa, também, envolver o aluno em seu universo, para que exercite sua própria criatividade. Que ele seja capaz de estimular o pensamento crítico, tornar o ensino prazeroso, deixar nele um gosto de quero mais, conscientizar o aluno de sua capacidade de se tornar um agente transformador da sociedade. Nesse contexto, ressalto que o objetivo das atividades propostas nesse trabalho se faz necessário para que ampliem minhas possibilidades de mediação pedagógica no ensino de arte e no aprofundamento de estudos sobre arte,

diversidade e cultura, capacitando-me para atuar como uma mediadora nesse diálogo entre o aluno, a arte e o mundo.

REFERÊNCIAS

ARCHER, Michael. **Arte Contemporânea**: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001 (Coleção a).

AGRA, Lucio. **História da arte do século XX**: ideias e movimentos. 2. ed. Rev. e atual. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2006.

BALBI, Clara. **O jornal a Folha de São Paulo**. P. 1, 12 de junho de 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/06/festival-digital-ativa-os-sentidos-com-instalacoes-imersivas-e-interativas.shtml>. Acesso em: 19 dez. 2019.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**: anos 1980 e novos tempos. 8. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2010, p. 33.

BARBOSA, A. M. Dilemas da Arte/Educação como mediação cultural em namoro com as tecnologias contemporâneas. *In*: Ana Mae Barbosa (org.). **Arte/Educação contemporânea**: consonâncias Internacionais. Org.: São Paulo: Cortez, 2005, p. 98-112.

BARBOSA, Ana Mae (ORG). **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/ Arte, 1998.

BRASIL. **Conversas com o professor sobre tecnologias educacionais**. TEMA 2: Televisão e Vídeo no Ensino Médio: algumas reflexões e sugestões. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/SECRETARIA DE EDUCAÇÃO MÉDIA E TECNOLÓGICA. S. d. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/conversas02.pdf>. Acesso em: 30 dez. 2020.

BRASIL. **LDB** - Lei de Diretrizes e Bases da Educacional. Lei 9394/96. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/direito/leis-diretrizes-bases-educacao-comentarios.htm>. Acesso em 15 jan. 2020.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. . Acesso em 15 jan.2020.

BUORO, Anamelia Bueno. **O Olhar em Construção**: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 8.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

COSTICHE, Samuel W. S.; TESSARO, Nathália B.; SPECK, Raquel A. A pesquisa como metodologia de ensino. *In*: **Blog Pensar Educação**, 2018. Disponível em: <http://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/a-pesquisa-como-metodologia-de-ensino/> Acesso em: 11 jan. 2020.

COSTICHE, Samuel W. S.; TESSARO, Nathália B.; SPECK, Raquel A. A pesquisa como metodologia de ensino. *In*: **Blog Pensar Educação**, 2018. Disponível

em: <http://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/a-pesquisa-como-metodologia-de-ensino/> Acesso em: 11 jan. 2020.

CUNHA, Júlia Maria de Jesus. **Ensino de Artes**: dificuldades, experiências e desafios. Periódico de Divulgação Científica da FALS, Praia Grande, ano VI, n. XIV, p.1-20, dez. 2012.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3. ed. Rev. e atual. São Paulo, SP: Atlas, 1995.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T. & FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Metodologia do ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

JORDÃO, Tereza Cristina. A formação do professor para a educação em um mundo digital. *In*: BRASIL, Ministério da Educação. **Saldo para o futuro**. Tecnologias digitais na educação. Ano XIX. Boletim 19. Nov.-Dez./2009.

LOWENFELD, V. **A criança e sua arte**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MORIN, Edgar. [s.t] **Ideias contemporâneas**. Entrevistas do Le Monde. São Paulo: Ática, 1989. p.33.

OLIVEIRA, Erika Patricia Teixeira. **Arte.com**: reflexões sobre o ensino de artes visuais e a utilização das tecnologias contemporâneas. Trabalho de conclusão do curso de licenciatura em Arte e educação. Faculdade Integrada da Grande Fortaleza, 2013.

PAVÃO, A. C. **Proposta pedagógica**. O Livro didático em questão. 2006. Disponível em:<http://www.ufpe.br/ceel>. Acesso em: 30 dez. 2019.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Metodologias do ensino de Artes Visuais. *In*: **Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais**. Vol.1. Belo Horizonte: EBA/UFMG, 2007, p. 25-35.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. Processos artísticos como metodologia de pesquisa. *In*: **Ouvir ou Ver**. Uberlândia, v.11, n. 1, p. 88-98, 2015.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa; XAVIER, Samara Vilaça. **Pesquisa em/sobre Ensino/Aprendizagem de Artes Visuais**. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes da UFMG, 2019.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. Rev. e atual. São Paulo, SP: Cortez, 2007.

SILVESTRE, Juliana. **Arte na Educação Infantil**. Disponível em: <https://goo.gl/TCmgX5>. Acesso em: 11 out. 2019.

SHOR, Ira; FREIRE, Paulo. O professor como artista. *In*: GADOTTI, Moacir (org). **Paulo Freire**: Uma biobibliografia. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire; Brasília:

UNESCO, 1996. p. 509. TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias**: acadêmica, da ciência e da pesquisa. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

Uso de tecnologias nas aulas de arte. <https://novaescola.org.br/conteudo/6673/o-uso-de-tecnologias-nas-aulas-de-arte/> Acesso em: 11 jan. 2020.

VENEROSO, MARIA DO CARMO DE FREITAS. **Crítica das Artes Visuais Modernae Contemporânea**. 2008. Encontro presencial com oficinas de Escultura e Modelagem do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV. Coordenação Geral de João Cristeli. Belo Horizonte/MG: Escola de Belas Artes - EBA/UFMG, 2018.

VIEIRA, Alexandre Thomaz et al. **Gestão educacional e tecnologia**. 1. ed. São Paulo, SP: Avercamp, 2003.

ANEXO



ESCOLA MUNICIPAL "LEILA MARIA LOPES FISCHER"
EDUCAÇÃO INFANTIL – Maternal, 1º, 2º Períodos
ENSINO FUNDAMENTAL – 1º ao 5º ANO
Ato de Criação: lei 130/94 – Autorização
CNPJ: 10.202.227.0001-73

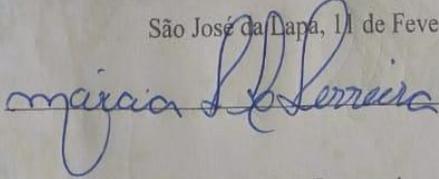
AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM

Em nome da Escola Municipal Leila Maria Lopes Fischer, Avenida Ingrácio Marques Siqueira, 1380, na cidade de São José da Lapa, autorizamos Carla Aparecida Martins Silva, RG 13575031 e CPF 05498231660 a utilizar as imagens das instalações do prédio escolar, em sua monografia de Trabalho de Conclusão Curso.

Carla Aparecida Martins Silva se compromete a não autorizar para terceiros a utilização da imagem deste contrato, bem como a utilizá-las exclusivamente em trabalhos acadêmicos, declarando os devidos créditos.

Carla Aparecida Martins Silva se compromete, ainda, a usar as imagens de forma a não denegrir a imagem da instituição.

São José da Lapa, 11 de Fevereiro de 2020.


Márcia de Fátima Lopes Ferreira
E.M. "LEILA MARIA LOPES FISCHER"
DIRETORA ESCOLAR - AUT. 213585

De acordo
